

Análise cartográfica da Região de Integração do Rio Capim e o município de Ourém sobre a perspectiva da música do Festival da Canção Ouremense ¹

Gustavo AGUIAR²

Laís NUNES³

Lays TEIXEIRA⁴

Alda CRISTINA⁵

Universidade Federal do Pará, Pará, PA

RESUMO

O presente artigo irá abordar a Região de Integração do Rio Capim do Pará e um de seus dezesseis municípios – Ourém – através de um mapeamento cartográfico sob os conceitos de Martín-Barbero. Uma visão geral dessa cidade pode constatar um lugar que estagnou no tempo, com muitos resquícios do seu processo de colonização. Será analisada no âmbito cultural a questão da música manifestada no Festival da Canção Ouremense, o qual atualmente é considerado um dos maiores festivais do Estado do Pará, e o modo de ouvir dos habitantes de lá.

PALAVRAS-CHAVE: Rio Capim, Ourém, Festival da Canção Ouremense, Música; Cartografia.

1. INTRODUÇÃO

Mover-se. Deixar o objeto falar. A ciência está sempre em movimento. Quando falamos de sociedade não há uma equação que possa descrever todos os movimentos sociais, suas dinâmicas estarão sujeitas a localidade, ao espaço-tempo, e a diversos fatores.

A cartografia será adotada neste trabalho como forma metodológica de análise, uma vez que os estudos no campo da Comunicação cada vez mais necessitam estar ligados aos movimentos sociais, tais movimentos estão ligados ao avanço da tecnologia, das novas mídias.

¹ Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 01 a 03 de maio de 2014.

² Estudante de Graduação 7º semestre do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da UFPA, e-mail: aguiarjornal@gmail.com.

³ Estudante de Graduação do 7º semestre do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da UFPA, e-mail: laisnunes01@gmail.com.

⁴ Estudante de Graduação do 7º semestre do curso de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda, e-mail: layskelly1@gmail.com.

⁵ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da UFPA, e-mail: aldacristinacosta@gmail.com.

Para Martín-Barbero (2004, p. 13), a “cartografia se move”, em várias direções, possibilitando a descoberta de novos rumos e novas experiências. Se um dia o mapa, fruto cartográfico, mostrou a direção, mapeando o terreno, a cartografia aplicada à Comunicação visa o descobrimento, o perde-se no caminho e o reencontro da pesquisa, possibilita um novo olhar, a visualização de uma nova perspectiva.

A história já não é mais contada apenas pelos vencedores, agora a periferia, os esquecidos, também são escritores de outras histórias que desenham um novo mapa social e uma nova construção.

Um mapa não para a fuga mas para o reconhecimento da situação desde as mediações e os sujeitos, para mudar o lugar a partir do qual se formulam as perguntas, para assumir as margens não como tema mas como enzima. Porque os tempos não estão para a síntese, e são muitas as zonas em cuja exploração não podemos avançar se não apalpando, ou só com um mapa noturno (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 18).

E reconhecer a situação é o que cada vez mais se faz necessário na região amazônica. Que como local diferenciado necessita de pesquisas que estejam atentas a suas peculiaridades, suas dinâmicas próprias. Na visão de Fernanda Chocron Miranda e Sandro Adalberto Colferai (2013, p. 2), a cartografia é uma postura de pesquisa que considera “as relações, cruzamentos e complexidades” que possibilitam observar a Amazônia e seus movimentos sociais. Essa região dona de uma dinâmica própria e de um contexto que ainda tem muito a ser estudado.

A inferência aqui lançada é de que na Amazônia as pesquisas em comunicação encontram-se no nível da *apropriação*, com os usos e adaptações realizados tendo maior ou menor nível de comprometimento com a adequação à região, mas que pode revelar uma preocupação em dar conta das especificidades locais (...). Seja em qual for a chave em que se possa ler o contexto da pesquisa em comunicação na Amazônia, a percepção é de que os arcabouços teórico-metodológicos apropriados são externos à região, e são adaptados para dar conta dos temas locais. Neste percurso são mantidos os pressupostos teóricos discutidos tendo como parâmetros outras realidades empíricas, o que pode significar – ainda que o esforço seja em contrário – um nível de adequação das realidades comunicacionais à teoria e ao método. (MIRANDA; COLFERAI, 2013, p. 7).

A cartografia aí abre uma porta para o avanço do conhecimento a partir da “experimentação, criação, e a relação pesquisador objeto” (BACCIN, 2013, p. 2). Esse é o ofício do cartógrafo, se colocar disposto a andar, a errar, a perde-se, a sempre remontar territórios. “As propostas científicas têm que estar abertas para não engessarem a produção desse conhecimento. Caso contrário, seguiremos modelos

prontos que pouco ou nada contribuirão para a geração de conhecimento” (BACCIN, 2013, p. 5).

Seguindo essa perspectiva cartográfica, será ensaiado esse método, pois diante da complexidade amazônica, ele se mostra mais aberto a mudanças e as peculiaridades. Um movimento como dos rios que banham a região. A pesquisa terá como eixo central, a história e contexto da Região de Integração do Rio Capim, Nordeste do Estado do Pará. Para aprofundar o trabalho, se analisará como amostra, a cidade de Ourém, por sua cultura e seu modo de viver e entender a música regional específica da cidade.

4. METODOLOGIA

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica de autores que falem sobre a cartografia na comunicação. Também foram coletados dados junto ao IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), Idesp-PA (Instituto de Desenvolvimento Econômico, Social e Ambiental do Pará) e SEICOM (Secretaria de Estado Indústria, Comércio e Mineração). Além disso, entrevistou-se a Secretária de Educação de Ourém, Maria Eliete Aguiar.

5. A REGIÃO DE INTEGRAÇÃO DO RIO CAPIM EM DADOS⁶

A Região de Integração (RI) do Rio Capim corresponde a aproximadamente 5% do território paraense, com uma área de 62.135,21 km². É composta por 16 municípios, todos integrados pelo Capim, rio que dá nome à RI. Forma a Região os municípios Abel Figueiredo, Aurora do Pará, Bujaru, Capitão Poço, Concórdia do Pará, Dom Eliseu, Garrafão do Norte, Ipixuna do Pará, Irituia, Mãe do Rio, Nova Esperança do Piriá, Ourém, Paragominas, Rondon do Pará, Tomé-Açu e Ulianópolis (FIGURA 1).

⁶ Dados fornecido por pesquisa do Idesp (Instituto de Desenvolvimento Econômico, Social e Ambiental do Pará) realizada em 2012.



FIGURA 1: Região de Integração do Rio Capim

Fonte: SEICOM/PA. Disponível em <http://seicom.pa.gov.br/kitmineracao/estatistica-municipal/regiao-do-rio-capim.html>. Acesso em 10 de Dezembro de 2013.

A região é responsável por 4,86% do PIB do Estado da Pará, sendo a sétima região colocada economicamente. Nas últimas décadas houve um crescimento da população urbana, seja pela migração das zonas rurais ou mesmo de outras regiões. Nos anos 2000, a população urbana superou a rural, com 54,1% do total de habitantes. A Região do Rio Capim possui 740.045 mil habitantes (IBGE, 2010), aproximadamente 8% da população do estado.

Segundo o IBGE (2010) apud Arnaud (2012) as principais atividades econômicas da Região de Integração do Rio Capim no setor agropecuário são a lavoura (48%) e a pecuária (43%). Na esfera industrial as atividades mais fortes são a extração mineral (40%), construção civil (32%) e a indústria de transformação (27%). Na área de serviços, administração pública (48%), aluguel (21%) e o comércio (9%).

A indústria cerâmica tem grande importância socioeconômica para o Rio Capim, que foi recentemente integrada ao Projeto “Tijolo Verde”, no qual os agricultores são capacitados a utilizarem fontes de energia limpa e renovável para a produção da cerâmica.

Devido a este crescimento, a densidade geográfica quase que triplicou desde a década de 1980: de 3,71 hab/km² passou para 9,77/km² (Idesp, 2011). Este número está acima da média estadual. Os municípios de Mãe do Rio e Ourém se destacam como os mais populosos, sua densidade está acima até da média nacional de 22,43 hab/km². Cada um possui, respectivamente, 59,43 hab/km² e 29,2 hab/km². A década de 1980 é a que apresentou a maior taxa de crescimento populacional por ano, de 4,31%. Este valor

decaiu nas décadas seguintes: de 1990 a 2000 era de 3,20% e de 2001 a 2010 de 2,41%. O decréscimo do aumento populacional não é um fato isolado, ocorrendo no Estado do Pará como um todo nos últimos 30 anos, apesar disso, a taxa da região do Rio Capim se manteve acima da média estadual nas últimas três décadas. Os municípios que tiveram a maior taxa foram o de Ulianópolis e Ipixuna do Pará, ambos criados no início da década de 1990.

Quanto ao grau de distribuição de riqueza, de 0 a 1 (0 sendo o mais igualitário e 1 o menos), a maioria dos municípios da região do Rio Capim estavam abaixo da média estadual e nacional. Entretanto, nos anos 2000 Ulianópolis (0,75), Nova Esperança do Piriá (0,66), Dom Eliseu (0,66) e Capitão Poço (0,66) estavam acima da média estadual e nacional. No ano de 2010, em nova pesquisa, houve uma considerável redução desse índice na maioria dos municípios, o que se conclui que houve uma melhoria considerável na distribuição igualitária de riquezas na região.

A renda per capita da Região do Rio Capim esteve abaixo da média estadual e nacional nas últimas décadas de pesquisa. Se nos anos 2000, a média nacional era de R\$585,94 e a do Estado do Pará R\$331,96, apenas o município de Ulianópolis superava a média estadual (R\$ 508, 16). Já no ano de 2010, Ulianópolis e Paragominas apresentaram valores superiores a média estadual e inferiores a nacional, com R\$ 543,09 e R\$ 491,75, respectivamente. Enquanto que outros municípios apresentaram uma queda de 2000 para 2010: Aurora do Pará passou a ter uma renda per capita de R\$170,42 para R\$169,63 e Nova Esperança do Piriá mostrou o menor valor da região: R\$157,72.

O número de diagnóstico positivo de malária nos municípios da região são, em sua maioria, superiores a média estadual. Enquanto que nos anos 2000, a média estadual era de 44,93 casos para cada mil habitantes, o município de Nova Esperança do Piriá registrou 477,66 casos. Já em 2007, a média estadual diminuiu para 10,52 casos e apesar da região, de modo geral, acompanhar essa diminuição, o município de Ipixuna do Pará, em 2007, registrou 34,43 casos. Capitão Poço apresentou o menor número de casos da região: 0,71.

Para aqueles que nascessem no Brasil a partir de 1991, a expectativa de vida seria de 66,9 anos. Neste mesmo período, a expectativa de vida paraense era superior a média nacional: 67,6 anos. Na região do Rio Capim, o município de Bujaru apresentou o maior índice, de 65,4 anos, ainda abaixo das médias nacionais e estaduais. Nos anos

2000, a média nacional aumentou para 70,4, enquanto que a estadual se manteve abaixo, com 69,9 anos. A região do Rio Capim apresentou um aumento na expectativa de vida de todos os seus municípios, entretanto, ainda se mantém inferior a média nacional e estadual. No município de Concórdia do Pará a expectativa é de 69,7 anos, Ipixuna do Pará 69,6 anos e Ourém 69,3 anos.

A taxa de mortalidade infantil corresponde ao número de mortes de crianças menores de um ano a cada mil nascidas vivas. Nos anos 2000, a média nacional era de 27,4 e a estadual era de 29. No ano de 2010, a média nacional diminuiu para 16 e a estadual correspondia a 21,5. Enquanto no ano de 2000, Ipixuna do Pará possuía uma taxa de mortalidade de 46,1, a maior da região, Capitão Poço apresentava uma média de 9,28 óbitos a cada mil crianças nascidas com vida, bem abaixo das médias estaduais e nacionais. Entretanto, curiosamente, Ipixuna do Pará apresentou uma redução expressiva na sua média, que chegou a atingir 12,28 em 2007 e subiu para 16,84 em 2010. Enquanto que Capitão Poço foi o único município que apresentou crescimento constante dessa taxa, atingindo 17,3 em 2010.

Quanto ao acesso ao saneamento básico, a região do Rio Capim mostra dados alarmantes: enquanto que a média brasileira era de que 77,82% das casas tinham acesso a esse serviço, na maioria dos municípios do Rio Capim esse percentual não chegava a 50%. Em Esperança do Piriá, 0,003% das casas tinham acesso a saneamento básico. Em 2010, nenhum dos municípios alcançaram a média nacional de 82,85%, apesar de uma sensível melhora em toda a região. Interessante registrar que nove dos dezesseis municípios ultrapassam a média estadual (47,94%), como Abel Figueiredo (81,1%), Dom Elizeu (77,43%), Rondon do Pará (76,23%), Tomé-Açu (60,87%), Capitão Poço (60,35%), Irituia (59,42%), Aurora do Pará (56,7%), Ipixuna do Pará (55,4%) e Paragominas (54,7%).

Em relação ao número de domicílios ligados ao sistema de esgoto, os dados são alarmantes: enquanto que 55,45% das casas possuem acesso a uma rede de esgoto, no Pará em 2010 esse percentual é de 10,19%. O Rio Capim segue a realidade do restante do Estado: o município com maior percentual de acesso a rede de esgoto é Rondon do Pará, com 2,74%. Irituia apresentou um percentual de 0,27%, enquanto que Garrafão do Norte nem sequer possui sistema de esgoto. Excetuando Rondon do Pará e Paragominas (2,04%), os demais municípios não ultrapassam o percentual de 2%.

Em 2010 87,41% dos municípios brasileiros tinham acesso a coleta de lixo, no Pará os dados apontam para um percentual de 70,52%. Na região do Rio Capim, o município de Paragominas apresenta um percentual de 87,66% de casas com acesso a coleta coletiva, média acima da estadual e nacional. Entretanto, mesmo com um significativo avanço desde 1991, os demais municípios ainda não atingiram a média estadual de domicílios com acesso ao serviço de coleta de lixo.

57,52% do território estadual constituem-se de áreas protegidas (terras indígenas e unidades de conservação), no Rio Capim, apenas 4% de seu território correspondem a áreas protegidas, sendo a maior parte terras indígenas. Nova Esperança do Piriá possui 52,49%⁷ do seu território pertencente a Terras Indígenas, seguido por Paragominas, com 5,23%⁸ destinado a preservação. Entretanto, nos demais municípios, esse percentual não alcança 5% do território.

Excetuando Tomé-Açu, todos os demais municípios da região do Rio Capim participam do Programa Municípios Verdes. Dom Eliseu, Paragominas e Ulianópolis receberam o status de *município verde*, devido ao seu combate ao desmatamento. Sendo que estes três possuíam os maiores índices de queimadas (junto com Rondon do Pará e Nova Esperança do Piriá), entretanto, de 2006 a 2011, conseguiram reduzir gradativamente este número.

6. O MUNICÍPIO DE OURÉM

Ourém está localizada no Nordeste do Estado do Pará a 182 quilômetros de Belém, com área territorial de 562.387 km² e densidade demográfica de 29 hab. P/Km². As estimativas do IBGE apontam para uma população de 16.854 habitantes.

O povoado que deu origem a cidade de Ourém, no século XVIII, era formado por famílias oriundas da região dos Açores, Portugal. Ourém é referencial no Estado devido às suas aclamadas belezas naturais, como os igarapés que lhe renderam a alcunha de “paraíso dos igarapés”. Belezas essas que não tem devida exploração turística, apesar do outro referencial ouremense ser o da hospitalidade da população.

O que diz respeito à questão econômica do município é a forte exportação de seixo, brita e areia sendo o município responsável pelo abastecimento da região metropolitana do Estado. Ourém é conhecida também pelas suas festividades, como o

⁷ Dado atualizado de 2012, segundo o site do Programa Municípios Verdes.

⁸ Idem.

Festival da Canção Ouremense, que reúne músicos de todo o país às margens do rio Guamá, responsável por grande parte da exploração turística da cidade. Outros exemplos de festividades frequentes são as de caráter religioso, como o Círio de Nossa Senhora de Nazaré e as festividades de São Benedito que revelam as raízes religiosas do povo ouremense com uma capela construída pelos colonizadores, a igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição.

7. O MODO DE VIVER DO OUREMENSE

A história de Ourém remonta mais de três séculos e faz parte da colonização da Amazônia. Seguindo a lógica da descoberta terrestre pelas águas, o Rio Guamá serviu de caminho para a criação da cidade, localizada próximo a segunda cachoeira do rio, que impossibilitava as naus de seguirem caminho. Este caminho desejado pelos portugueses foi o meio que eles encontraram de chegar mais rápido na capital São Luiz, antes da criação da província Grão Pará e Maranhão. A ideia era de seguir viagem pelo Guamá até a segunda cachoeira, e de lá seguir até o Maranhão a pé. Conta, João de Palma Muniz em sua obra “Município de Ourém: Estudo de Limites e Apontamentos históricos”, um de seus textos de viagem à serviço do Estado Nacional e paraense escrito em 1925.

É essa a história do povo da *Freguesia do Divino Espírito Sando de Ourém*, e embora tenha se passado muito tempo, as coisas ainda seguem uma mesma lógica, a de exploração. Devido ser uma cidade pequena, Ourém sempre foi organizada aleatoriamente em pequenos grupos, em colônias agrícolas, como conclui MUNIZ (1925)

o município é um vasto território, de clima muito ameno e sadio, contendo terras aproveitáveis na lavoura, na indústria extractiva e na pecuária, extracção de madeiras, regando-o uma grande arteria, o Rio Guamá, dotado de numerosos afluentes. Possui uma população de mais de 7.370 habitantes, segundo o recenseamento de 1920, além de numerosas tribus de indios mansos, principalmente tembés.” (MUNIZ, 1925, p. 169)

Pode-se notar aspectos de exploração natural e de mão-de-obra em contraposição a uma apropriação tecnológica interativa. Os costumes e os valores continuam os mesmos, os de uma sociedade aristocrata, em que os mais ricos e dominantes eram os portugueses e, depois, os decendentes de portugueses. Hoje, são as famílias tradicionais

que dominam, ainda que possamos ver uma lógica econômica que se inverte, e uma nova classe média emergindo com negócios alternativos aos já existentes.

A sociedade se organiza basicamente em um centro administrativo de Ourém e várias dependências, interiores, também chamados de colônias, da cidade. Pode-se notar que na maioria dos interiores, a educação e o entretenimento ainda é escasso, mas existem planos de melhoria da educação. Assim como também existe uma dominação cultural por parte do centro administrativo. Notam-se pouquíssimas manifestações de resistência cultural no interior.

A Secretária de Educação do Município, a professora Maria Eliete Aguiar, conta um pouco sobre a sua visão da cidade. Diz que a principal atividade econômica é o seixo, pois é bastante lucrativo, porém não move muito a economia devido à falta de uma lei de imposto para o seixo, além da atividade não gerar muitos empregos. Outra grande atividade que a secretária destaca é a produção de materiais de construção, como telhas e tijolos. As olarias também ocupam lugar significativo na relação de produções econômicas no município.

A atividade que mais emprega pessoas em Ourém é a do servidor público. Ainda é, no município, o setor que mais gera empregos e movimentação a economia o ano inteiro.

Maria Eliete Aguiar destaca que há uma ascensão na agricultura familiar no município.

E a questão da agricultura só é mais a agricultura de subsistência, agora industrial, alguns pequenos agricultores que no momento estão se organizando em cooperativas, mas devido à questão da merenda escolar, devido ter 30% para agricultura familiar é que eles já começaram a se organizar. Em questão de pequenos grupos de agricultores. (Entrevista de Maria Eliete dos Santos Aguiar, no dia 13 de dezembro de 2013.)

No entretenimento, a professora destacou que a população dispõe de poucas opções. Alguns espaços de terra que cercam trechos de igarapé são supervalorizados pelos donos, transformando o lugar nos chamados balneários. Os balneários são lugares onde as pessoas podem tomar banho em igarapés, assistir a shows, dançar, e participar de manifestações culturais em conjunto, como por exemplo, o bingo, que ainda seduz a população com a possibilidade de vencer prêmios na sorte. A secretária destaca que são as pessoas de baixa renda que participam deste tipo de evento.

Sobre as manifestações culturais, podem-se destacar principalmente os meses de junho e julho. Nesse período as pessoas participam mais de eventos culturais e os produzem também. No mês de junho existem as tradicionais “Festas da Quadra”, que

acontecem na quadra de esportes da prefeitura todos os finais de semana do mês, e são organizadas por associações, escolas e grupos organizados.

Os principais problemas que o município enfrenta, segundo a Secretária, estão relacionados com a concentração de riqueza dos produtores de seixo e poluição do meio ambiente causada por eles. O problema ambiental não se resume às grandes produtoras de seixo, e sim aos pequenos produtores rurais, que sem informação ainda desmatam e fazem queimadas, evidenciando a desarmonia do local com a natureza, apesar de agora participar do Programa Municípios Verdes. Além disso, a violência é bastante presente na cidade. É um reflexo da ociosidade e da falta de oportunidade que é oferecida ao jovem.

Pode-se analisar a cidade com duas visões: uma de cidade provinciana, e outra de uma cidade globalizada, inserida em uma lógica capitalista e tecnológica, mesmo sendo um grupo pequeno de pessoas.

7.1 OURÉM PROVINCIANA

A dimensão geográfica da cidade e as estreitas relações que as pessoas têm caracterizam o lugar como provinciano. A rotina cotidiana se repete há anos, e algumas atividades podem confirmar esta análise. A professora Maria Eliete destaca um aspecto dessa característica provinciana que é a relação da população com a praça, que concentra toda a atenção nos fins de semana, de todos os públicos.

Nas praças, as crianças podem encontrar brinquedos infláveis, aqueles pulapulas, vendas de comidas típicas, bebidas alcólicas nos quiosques da beira do rio, da orla fluvial. Nos quiosques, eles vendem bebidas e só os carros que ficam tocando naquela disputa de quem é o som mais alto.” (Entrevista de Maria Eliete dos Santos Aguiar, no dia 13 de dezembro de 2013.)

Outra questão a se analisar também é a política local. Em tempos de eleições municipais, as pessoas são divididas entre candidatos de direita e de esquerda, a favor do governo e contra, e muitos deles são contratados para trabalhar com a propaganda dos candidatos e frequentemente na compra de votos, o que é comum na cidade.

Essas características provincianas também fazem com que a maioria das pessoas não esteja atenta às leis, e desconheça direitos e deveres. Um dos exemplos é a exploração natural do seixo, atividade que prejudica os igarapés da cidade e de regiões próximas, pertencentes ao município. A exploração do seixo é tão grande que 70% do seixo usado nos asfaltamentos de Belém provém da cidade de Ourém. Apesar de a

atividade ameaçar a natureza e causar um possível assoreamento dos igarapés, nada é feito em relação a isso.

7.2 OURÉM GLOBALIZADA

As características provincianas não excluem a crescente relação com a tecnologia que Ourém possui. Apesar de existir uma conexão com a internet que usa um meio antigo de transmissão de dados, e de existir apenas uma rede de telefonia celular, a TIM, as pessoas utilizam bastante a conexão com internet, seja por computador ou por dispositivos móveis. Pode-se destacar as manifestações da população do município na rede social Facebook. Existem grupos de discussão sobre a cidade, que foram criados no período das campanhas políticas municipais, em 2011, e ainda permanecem semi-ativos, com muitas informações sobre acontecimentos da cidade. Os principais são “Ourém – Juntos com o Povo” que era o grupo de discussão da campanha do prefeito Valdemiro Júnior, o “Viver Ourém”, um dos grupos mais ativos, onde as os moradores da cidade, e ouremenses de nascença que moram em outras cidades, discutem assuntos do município.

É muito interessante também como a Prefeitura Municipal se relaciona com o Facebook, tendo uma página com atualizações das ações do governo, a qual é destinada a um funcionário para produzir o conteúdo. A prefeitura não dispõe de uma assessoria de comunicação.

Assim como em todo o Brasil, a população da cidade também utiliza a rede social para diversas manifestações. Sobre as manifestações políticas, destaca-se um *post* que o Dr. Valério Gomes publicou em seu blog “Ambiente Ouremense” em 17 de junho deste ano, intitulado “AFF”.

Ourém tem vários perfis de anônimos no Facebook; “Desperta Ourém”, “Sentinela”, entre outros, com um certo ar de caráter revolucionário. Este é um bom momento de tirar a máscara, e se manifestar de forma aberta e pública, como tem que ser na boa democracia. Sempre desconfie da opinião de quem não mostra a cara. Vai pra rua Ourém! (Blog Ambiente Ouremense. Publicado em 27 de Junho de 2013)

O relato destaca dois perfis da rede social que tem o propósito de difamar o governo municipal, porém sempre com questões que promove a discussão de reclamação de certas práticas e medidas do governo. Mas as discussões são superficiais, e sem muito engajamento de outras pessoas. Uma característica que analisamos é a falta

de adequação gramatical das frases, reflexo de uma educação de má qualidade. Avaliando dados do IBGE do Censo Educacional de 2012, quase 75% das matrículas em escolas são do Ensino Fundamental, 11% são matrículas de pré-escolar e apenas 13% são inscrições do ensino médio. Conclui-se que a maioria dos jovens fica estática no Ensino Fundamental.

8. O FESTIVAL DA CANÇÃO OUREMENSE

A música é muito marcante na cultura ouremense. Acredita-se que suas raízes remontam aos índios Tembés (Matos, 2007), os primeiros habitantes de Ourém. Os portugueses ao chegarem a cidade no século XVII trouxeram negros africanos como criados, e intrinsecamente, suas manifestações culturais, incluindo canções. Arlindo Matos (2007) aponta que há uma localidade chamada “Tum-Tum”, que fica a dois quilômetros da prefeitura de Ourém, sobre a qual dizem os mais antigos que “era uma espécie de quilombo, onde os negros se reuniam para rituais animados por tambores que ao longe eram ouvidos e identificados por seus tum-tum-tuns.” (Matos, 2007, p. 82). Os frades também deixaram sua influência musical aos ouremenses ao repassar ensinamentos em latim na forma de canções. A mistura dessas culturas originou a “Folia de Reis com seu ‘pam-pam-pam’” (Matos, 2007, p. 82).

Já mais recentemente, em Julho de 1983, foi criado o “Festival da Canção Ouremense”. O Festival fazia parte da programação de verão “Ourém, um verão quente de amor”. Esse projeto foi pensado pelo então prefeito de Ourém, professor José Raul de Souza Santos, como uma alternativa de lazer à falta de opções de entretenimento no município, o que acarretava na saída de ouremenses para outras localidades buscando diversão no período de férias.

Nesta época vigorava no Brasil o Projeto Rondon⁹, no qual estudantes universitários eram enviados pelo Governo Federal a diversas localidades com baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), a fim de eles desenvolverem diversas ações sociais, como atividades culturais e esportivas. O prefeito de Ourém, então, solicitou que esses jovens universitários assumissem a coordenação dos projetos culturais e esportivos do município. Arlindo Matos (2007) marca que

⁹ O Projeto Rondon durou de 1967 a 1989, envolvendo mais de 350 mil estudantes de todas as regiões do Brasil. Foi retomado em 2005, no Governo Lula, sob petição da UNE (União Nacional dos Estudantes)

pelo menos em duas participações do “Projeto Rondon”, as turmas da Bahia em 1.978 e de Brasília em 1.979 foram fundamentais para acordar o espírito cultural até então adormecido no peito daqueles jovens que verdadeiramente gostavam e passaram a pensar numa Ourém efetivamente como a capital paraense da música ou canção. (Matos, 2007, p. 84).

Nas primeiras edições, o Festival da Canção Ouremense condicionava o fim da programação. O Festival tratava-se de um concurso musical no qual as melhores músicas inscritas eram premiadas. Matos (2007) descreve o cenário do Festival em seus primórdios, que tinha como estrutura

Uma maloca sextavada de bambu e palha com pouco mais de 100m² foi construída nas proximidades da esquina da rua 15 de novembro com a travessa Lázaro Picanço, portanto bem próximo da beira do rio Guamá, local onde termina a primeira praça da “Lázaro Picanço”. (Matos, 2007, p. 86).

O Festival da Canção Ouremense perdura até os dias atuais. Com 30 anos de tradição, hoje é o festival de música mais antigo e um dos maiores eventos culturais do Estado do Pará. Adquirindo o formato de grandes festivais do país, estimula novas produções paraenses com estilos característicos da música regional: carimbó e tecnobrega. Contudo, conta com a participação de compositores e músicos de outras cidades do Pará e também de outros Estados.

Considerado um termômetro da música paraense atual, o Festival hoje ganhou grandes proporções e está com uma infraestrutura mais moderna, realizando-se na Concha Acústica Tomáz Ruffeil, construída às margens do Rio Guamá, e passou a abranger o Festival de Música do Pará (FEMUPA)¹⁰.

Muitos dos artistas de Ourém são/foram descobertos no Festival da Canção e têm a oportunidade de mostrar o seu trabalho. O Festival reflete a cultura do lugar, pois evidencia nas composições também o modo de viver do ouremense, as singularidades do lugar e as perspectivas de desenvolvimento. Mostra a música que é feita por lá, os ritmos de lá e compositores da terra.

Os ouremenses são envolvidos pela atmosfera proporcionada pelo evento. Pessoas vêm de outros municípios e estados brasileiros. A cidade fica movimentada e isso causa nos habitantes o sentimento de pertencimento, porém, ainda não envolve a maior parte da população. É muito mais a questão do evento em si do que a essência

¹⁰ O FEMUPA (Festival de Música do Pará) é um projeto da Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves de 2008 e acontece anualmente em vários municípios do Estado premiando artistas e mapeando as produções culturais da música paraense

cultural da música. O sentimento de estranhamento da maioria da população com relação ao Festival se dá por ser um festival cultural e não de entretenimento. Os ritmos carimbó, boi-bumbá, retumbante, são ritmos que provém da cultura popular, mas não são ritmos massivos, midiaticizados, como o tecnobrega e o forró, que servem de entretenimento e também fazem parte da programação cultural do mês de julho, onde o Festival da Canção Ouremense também se encontra.

É válido lembrar que o tecnobrega, de algumas edições para cá, têm tido espaço no evento como música produzida em Ourém, como, por exemplo, nas composições de Rivaldo Lopes. Mas apesar de ser um ritmo massivo, a música não é consumida pelas massas porque essas produções são categorizadas como música cultural do município e não como música de entretenimento, como as que são feitas em Belém e divulgadas pelas aparelhagens. Além disso, o Festival tem sido mais valorizado por pessoas de fora do município, que não o enxergam como um festival de música de Ourém e sim como um festival de música brasileira.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ourém é uma cidade cheia de tradições. Muito que se tem vê hoje nela hoje é fruto de como ela foi concebida inicialmente. Tem grandes potencialidades a serem explorados sob a perspectiva de uma cidade criativa, que segundo FONSECA (2009) é “uma cidade capaz de transformar continuamente sua estrutura socioeconômica, com base na criatividade de seus habitantes e em uma aliança entre suas singularidades culturais e suas vocações econômicas” (FONSECA, 2009, p. 3).

O Festival da Canção Ouremense foi uma idéia criativa de Ouremenses há anos atrás e que tem dado certo, trazendo pessoas de vários lugares do país, inclusive de São Paulo, e tem potencial para atrair grandes investidores e patrocinadores, incentivando a produção cultural e gerando recursos para o desenvolvimento do município. Contudo, é necessário que os moradores locais também façam parte deste movimento que pode levar Ourém a um maior desenvolvimento e reconhecimento internacional.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Maria Eliete dos Santos. **Considerações sobre o município de Ourém.** Ourém, Pará. 11 de Dez. 2013. Entrevista.



AMBIENTE ouremense. Disponível em <http://ambienteouremense.blogspot.com.br>. Acesso em 14 dez 2013.

ARNAUD, J. S. Situação da Piscicultura continental nas Regiões do Guamá e Rio Capim. 2012. 95 f. Dissertação (Mestrado em aquicultura e recursos aquáticos tropicais) – Universidade Federal Rural da Amazônia. Pará. 2012.

BACIN, Alciane Nolibos. Cartografia – o desafio metodológico de construir conhecimento na pesquisa em jornalismo. **Anais V Seminário Internacional de Comunicação (SIPECOM)**, Santa Maria, 2013.

COLFERAI, Sandro Adalberto; MIRANDA, Fernanda Chocron. Errâncias cartográficas: mapeamentos subjetivos de caminhos movediços para a pesquisa na Amazônia. **Anais XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM)**, Manaus, 2013.

IBGE cidades. Disponível em <http://cidades.ibge.gov.br>. Acesso em 14 dez 2013.

MARTIN-BARBERO, J. **Ofício de cartógrafo – Travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. Trad.: Fidelina González. São Paulo: Loyola, 2004.

MATOS, Arlindo. Oureana de além-mar, Ourém terra de Moura. **Organização e Introdução de elementos novos da história de Ourém-Pará**. Ourém: 2007. Disponível em <http://www.overmundo.com.br/banco/oureana-de-alem-mar-ourem-terra-de-moura>

MUNIZ, João de Palma. Município de Ourém: **Estudo de Limites e Apontamentos históricos**. In: Annaes do Arquivo e Biblioteca Pública do Estado do Pará. Tomo Nono, 1925.

PROJETO Rondon. Disponível em <http://www.rondon.unb.br/>. Acesso em 12 de Dezembro de 2013.

PROJETO Tijolo Verde dinamizará produção cerâmica na região do rio Capim.

Disponível em <http://www.paraturismo.pa.gov.br/?q=pt-br/projeto-tijolo-verde-dinamizar%C3%A1-produ%C3%A7%C3%A3o-cer%C3%A2mica-na-regi%C3%A3o-do-rio-capim>. Acesso em 12 de Dezembro de 2013.

REIS, A. C. F. **Cidades Criativas, Turismo Cultural e Regeneração Urbana**. Disponível em <http://www.gestaocultural.org.br/pdf/Ana-Carla-Fonseca-Cidades-Criativas.pdf>

UM pouco da história do Festival da Canção Ouremense. Disponível em <http://www.santaluzia-online.com/2008/07/um-pouco-da-histria-do-festival-da-cano.html>. Acesso em 11 de Dezembro de 2013.